



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC/CAMPUS VII SENHOR DO BONFIM
CENTRO DE FORMAÇÃO EM ARTES PROFESSOR MARCOS FÁBIO OLIVEIRA
MARQUES / CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

MARIA BETÂNIA BORGES BEZERRA

**TEATRO DE SERROLÂNDIA-BAHIA NA MISSÃO DA TERRA:
*CALA BOCA JÁ MORREU!***

Senhor do Bonfim
2025

MARIA BETÂNIA BORGES BEZERRA

TEATRO DE SERROLÂNDIA-BAHIA NA MISSÃO DA TERRA:

CALA BOCA JÁ MORREU!

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Colegiado de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, DEDC - Campus VII, locado no Centro de Formação em Artes Prof. Marcos Fábio Oliveira Marques, para obtenção do título de graduada em Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Karina Andréa da Silva Faria.

Senhor do Bonfim

2025

À Pastoral da Juventude do Meio Popular,
Pastoral da Terra,
Ir. Fernanda,
Padre Luiz Tonetto, In memória
Aos docentes do Curso de Teatro – UNEB.

Não tenho água,
não tenho chão,
por acaso sou cidadão?

RESUMO: Este trabalho propõe o conhecimento e uma reflexão sobre o teatro apresentado pelo grupo Cala Boca Já Morreu, da cidade de Serrolândia na Bahia situada no norte baiano, com o espetáculo: Tome Fome Morre o Homem, alcançando o primeiro lugar no Festival de música, teatro e poesia, organizado pela Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), e reapresentado na 16ª Missão, da Terra da Diocese de Bonfim na Bahia, coordenada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1994, na cidade de Capim Grosso, Bahia. A formação e mística dos jovens desse período, se dá diante de um contexto histórico, político, social do Brasil e da Igreja Católica com a Teologia da Libertação. Busco registros nos arquivos da CPT e da PJMP (cartazes, fotografias, entrevistas e documentos escritos, relatórios), e referência ao Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1931-2019). A ação pastoral revela a importância da formação para assumir o compromisso coletivo com as causas sociais por meio da arte e, nesse sentido o teatro é um grande aliado.

Palavras-chave: Festival PJMP; Missão da Terra; Teatro de Serrolândia- Bahia; Teologia da Libertação.

ABSTRACT: This work proposes an understanding and reflection on the theater presented by the group Cala Boca Já Morreu, from the city of Serrolândia in Bahia, with the show: Tome Fome Morre o Homem, this performance won first place in the Music, Theater, and Poetry Festival, organized by the Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), and was reprised at the 16th Missão da Terra of the Diocese of Bonfim in Bahia, coordinated by the Comissão Pastoral da Terra (CPT), in 1994, in the city of Capim Grosso, Bahia. The formation and mysticism of the young people of this period occurred within a historical, political, and social context of Brazil and the Catholic Church, particularly regarding Liberation Theology. The work draws on records from the CPT and PJMP archives (posters, photographs, interviews, written documents, and reports), reference is also made to the Theater of the Oppressed of Augusto Boal (1931-2019). Pastoral action reveals the importance of training for assuming a collective commitment to social causes through art, and in this sense, theater is a great ally.

Keywords: PJMP Festival; Mission of the Land; Serrolândia-Bahia Theater; Liberation Theology.

Hino da PJMP*Ileaô, Ileaô*¹

A Juventude é a bandeira do amor!
 com o coração, com as duas mãos
 com todo o povo a gente faz um mundo novo!
 Pelos campos, cidades e vilas
 No trabalho ou então desempregados
 Nas caatingas, nas fábricas, nas filas
 Com muita força e coragem de lutar
 É a juventude do Meio Popular.
 Somos filhos de trabalhadores
 A nossa classe é a classe popular
 Mas temos sonhos e também muitos amores
 Também queremos trabalhar, participar
 É a juventude do Meio Popular.
 Nossa luta é pelo engajamento
 No nosso bairro e também no sindicato
 Nós precisamos ficar todos unidos
 Pra conquistar nosso direito que é negado
 É a juventude do Meio Popular.
 A política partidária é outra coisa
 Que não pode ser deixada de lado
 Nós precisamos mudar esse sistema
 Que faz o pobre viver sempre massacrado
 É a juventude do Meio Popular.
 Nossa força quem nos dá é Jesus Cristo
 Que nos empurra e ilumina o caminho
 Pois ele é o nosso companheiro
 Que pelos pobres sempre tem muito carinho
 É a juventude do Meio Popular.
 (Composição de Zé Vicente)

¹ *Ile a ô*, expressão que vem da língua iorubá, do povo da África Ocidental, significa Casa Terra, ou Mundo Terra. Comumente usada no Candomblé e na cultura afro-brasileira (Dicionário Yorubá-Português, 2011).

Cala Boca Já Morreu!

Não Tenho Água, Não Tenho Chão. Por Acaso Sou Cidadão? Esse foi o tema da 16ª Missão da Terra, realizada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), na diocese de Bonfim - Bahia, em 23 de outubro de 1994, na cidade de Capim Grosso, Bahia, lugar onde nasci que fica a 272 Km da capital Salvador. O grupo de teatro Cala Boca já Morreu, da cidade de Serrolândia, que também faz parte da diocese, participou com o espetáculo, Tome Fome Morre o Homem, com destaque a personagem Mulher Terra, apresentado tanto no Festival organizado pela Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), quanto na Missão da Terra.

A diocese de Bomfim está situada no semiárido baiano. É um tipo de clima caracterizado por longos períodos de estiagem, altas temperaturas e baixa umidade do ar. Essas condições resultam em uma vegetação (caatinga), adaptada à aridez, a exemplo dos cactos. Conseqüentemente a concentração de terras e a escassez da água afeta o modo de viver das pessoas, principalmente dos pequenos agricultores, logo reflete nos aspectos socioeconômico, político, cultural e religioso.

De Capim Grosso meus pais se mudaram para a cidade de Pindobaçu-Bahia que compõe a diocese de Bonfim. Aos oito anos (1980), minha mãe me leva para a catequese e para o Clube de Mães, um projeto na paróquia coordenado pelas freiras da Congregação Sagrado Coração de Maria. As mães aprendiam corte e costura, as crianças e jovens, artesanato. É na minha infância que tenho contato com o processo formativo da Teologia da Libertação, esse novo jeito de ser igreja! Lá se dá também meu primeiro contato com teatro, na dramatização da Aparição de Nossa Senhora de Fátima, encenado no altar da igreja. Decorei minha fala de anjo escrito pela catequista, num papel de embrulho de cor rosa.

Na juventude, ainda na década de 1980, participei das mobilizações tanto nas comunidades da paróquia, quanto nas ruas da cidade voltadas para as questões vigentes do país naquele momento, como a Constituinte, as Diretas Já!, o fim da Ditadura e início da Democracia, o advento do sindicato rural, a Lei Orgânica² sendo construída no município e a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). Era a práxis da Teologia da Libertação³, ou seja, a ação mais concreta para envolver reflexão e conscientização. Mais tarde em 2001, na cidade de Itiúba-Bahia, concorri com o grupo de teatro da PJMP de Pindobaçu no Festival ficando em

² Lei Orgânica detalha como os poderes (Executivo, Legislativo, Judiciário local) atuam na cidade, garantindo autonomia dentro do pacto federativo brasileiro, e é aprovada pela Câmara Municipal em dois turnos por dois terços dos vereadores.

³ Teologia da Libertação, corrente teológica latino-americana que surgiu nos anos 1960, focada na opção pelos pobres, entendendo a miséria como injustiça social, não como destino divino, e buscando a libertação através da práxis cristã e de uma leitura da realidade (Leonardo Boff, 1986).

segundo lugar. Fui monitora no círculo de cultura com a pedagogia de Paulo Freire (1921 – 1997).

Outro espaço formativo importante foi a Escola de Formação para animadores de comunidades. Aos dezoito anos estava formada no curso técnico de Magistério, fui lecionar no colégio municipal de Pindobaçu e continuei fazendo teatro na igreja com o grupo jovem.

Em 1994 a PJMP realiza mais um festival e o grupo de teatro Cala Boca Já Morreu, da paróquia de Serrolândia, vai concorrer, e gerar repercussão. Para facilitar a compreensão sobre a repercussão do teatro, antes de tudo, é necessário entender: o que é a Missão da Terra? O que é Teologia da Libertação? Como se dava a formação dos jovens que participavam da Igreja nesse período na década de 1990? E o papel da diocese e das pastorais, CPT e PJMP nesse novo jeito de ser Igreja?

Igreja católica e o povo

É pertinente relembrar o contexto histórico quando a Igreja aqui chega ao Brasil nas caravelas trazendo a Companhia de Jesus, os Jesuítas. A princípio as atividades teatrais desenvolvidas pelos jesuítas foram feitas para a conversão dos povos originários ao cristianismo o que resultou também na aculturação desses povos. A história começa desumana, marcada por massacres aos povos originários e escravização dos povos africanos. Ao mesmo tempo que houve muita luta e resistências populares, em suma, as mazelas sociais do Brasil, têm raízes profundas com a chegada hostil dos portugueses a partir de 1500. O documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), às Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, evidencia a própria culpa da Igreja quando em ato penitencial, anuncia o pedido de perdão:

(...) O nosso passado está carregado de pecados: para com as culturas indígenas que a colonização destruiu; para com os africanos, que a escravidão arrancou violentamente da sua pátria e trouxe para um regime de exploração e de injustiça, cuja herança perdura até hoje. A eles e a Deus pedimos perdão (CNBB 1995-1998, p. 14).

Como a Igreja enquanto instituição podia reparar seus atos e ajudar a reverter o quadro social? Marcado por tantas desigualdades e injustiças sociais ainda tão presentes nos anos 1990? Logo a Diocese toma como referência o Concílio do Vaticano II (Roma – Itália), a Teologia da Libertação na América Latina, a Conferência de Puebla (México), e as Diretrizes Gerais da CNBB. Por volta dos anos de 1962 a 1965, Sua Santidade, o então Papa João Paulo II, liderou o Concílio Vaticano II. Um grande encontro de bispos do mundo todo para discutir e atualizar

a doutrina e a prática da Igreja diante aos desafios do mundo moderno. Foram significativos o impacto e as mudanças após o Concílio até os dias de hoje, mesmo com as permanências de uma Igreja Conservadora. Destacou-se a abertura para o diálogo ecumênico, a valorização da participação dos leigos na vida da Igreja, a ênfase na importância da missão evangelizadora e a promoção de uma renovação litúrgica significativa. A partir daí não era mais necessário celebrar missa em latim, com o objetivo de tornar a celebração mais participativa e compreensível para os fiéis realizando trabalhos nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁴, celebrando fé e vida.

O Concílio Vaticano II foi um marco importante para a abertura da Teologia da Libertação, movimento que surgiu na América Latina ainda na década de 1960. Mas é no ano de 1979 na III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano realizada em Puebla (México), que os bispos se atentam ao que significou o processo de colonização da América e suas consequências como as desigualdades, as injustiças, logo a pobreza. E vai trazer como um dos pilares a visão pastoral da realidade latino-americana. A partir dessas reflexões os teólogos da Libertação passaram a anunciar a opção preferencial pelos pobres e a lutar por uma Igreja mais comprometida com a transformação social.

Leonardo Boff é considerado por muitos aqui no Brasil como o pai da Teologia da Libertação. Boff, no seu site, em comemoração aos 40 anos da Teologia escreveu:

(...) Eu publicava também em 1971 em forma de artigos, numa revista de religiosas – Grande Sinal – para escapar da repressão militar, o meu Jesus Cristo Libertador, depois lançado em livro. Ninguém sabia um do outro. Mas estávamos no mesmo espírito. Desde então surgiram três gerações de teólogos e teólogas que se inscrevem dentro da Teologia da Libertação. Hoje ela está em todos os continentes e representa um modo diferente de fazer teologia, a partir dos condenados da Terra e da periferia do mundo (2011, fonte eletrônica).

O Brasil como outros países da América Latina, foram marcados pela Ditadura. O Regime Militar com o Golpe em 1964 perdurou até 1985. Foi assinalado com Atos Institucionais que legitimavam a repressão, a tortura, a censura contra os direitos sociais/humanos, as manifestações culturais artísticas e os movimentos populares grevistas. Nessa mesma época a Igreja foi marcada pela efervescência da Teologia da Libertação, que perdurou até a década de 1990:

⁴ As CEBs surgem na década de 1960 e tem auge nos anos de 1970-80. É formada por grupos de leigos animadores junto as comunidades da igreja católica e representa um novo modo de ser Igreja mais próxima das pessoas, especialmente dos mais pobres e oprimidos (cebsdobrasil.com.br).

(...) Teologia da Libertação é o pobre concreto, suas opressões, a degradação de suas vidas e os padecimentos sem conta que sofre. Sem o pobre e o oprimido não há Teologia da Libertação. Toda opressão clama por uma libertação. Por isso, onde há opressão concreta e real que toca a pele e faz sofrer o corpo e o espírito aí tem sentido lutar pela libertação. Herdeiros de um oprimido e de um executado na cruz, Jesus, os cristãos encontram em sua fé mil razões por estarem do lado dos oprimidos e junto com eles buscar a libertação (Boff 2011)

Libertar de quê? E de quem? Então a Diocese de Bonfim, representada pelo bispo Dom Jairo Ruy Matos da Silva⁵ (1929-2007), constrói uma estrutura organizacional com referência nos documentos da CNBB. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora é um documento estudado de quatro em quatro anos pela Igreja no Brasil. O quadriênio de 1991 – 1994 vai fortalecer mais a organização, a articulação e formação de líderes dos movimentos, animadores das comunidades e dos agentes das Pastorais (Pastoral da Saúde, Pastoral da Criança, Pastoral do Menor, Pastoral Afro, Pastoral da Comunicação (PASCOM), PJMP, CPT, as CEBs, Educação Popular), e o apoio aos movimentos populares tanto nas cidades como no campo. Tais Diretrizes fortalecem ainda mais a formação dos sindicatos rurais, os movimentos da luta pela Terra e Água e, a convivência com o semiárido. É a diocese na peneira!. Foi um processo de grande avaliação, organização e articulação da diocese em preparação a prática evangelizadora proposta pelas Diretrizes Gerais da CNBB.

Nesse cenário essa parte da Igreja vai desenvolver um papel social importantíssimo considerando a história local, os aspectos geográficos (sertão), a cultura, a história sofrida, a religiosidade e a fé do povo sertanejo. É um período em que a Diocese de Bonfim investe em formação e cria a Escola de Formação de Animadores das Comunidades, além dos cursos bíblicos na perspectiva pastoral-política movida pela esperança em busca da desejada libertação de poder político opressor, do latifúndio, e da concentração da riqueza nas mãos dos capitalistas neoliberais que controlam os meios de produção do país.

Assim o primeiro passo era garantir formação para as pessoas entender: quem somos na nossa história? A princípio se discutia em assembleia diocesana com a participação do clero, freiras, agentes de pastorais e animadores de comunidades. Os encaminhamentos estavam

⁵ Nascido em 3 de julho de 1929, em Castro Alves (BA), Dom Jairo era negro e poeta, foi ordenado presbítero em 8 de dezembro de 1954. Após ser nomeado 5º Bispo Diocesano de Bonfim, foi ordenado para o ministério episcopal em 5 de maio de 1974 e tomou posse no dia 2 de junho do mesmo ano. Sua memória permanece viva, sobretudo pelo legado de simplicidade. Criou o boletim mensal “Ressurreição e Vida”, apoiou a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Associação das Lavadeiras de Senhor do Bonfim, construiu a atual Cúria Diocesana, promoveu a Missão da Terra e outras ações louváveis. Após 32 anos de pastoreio em Bonfim, seu pedido de renúncia foi aceito pelo Papa Bento XVI em 26 de julho de 2006. Faleceu no dia 12 de janeiro do ano seguinte, aos 77 anos. Seu lema foi “Ressurreição e Vida” (site diocese de Bonfim).

voltados para a articulação do trabalho de base para toda sociedade civil. Criou-se grupos de assessores preparados com formação teológica, esses grupos eram formados por padres, freiras e leigos. As paróquias por sua vez recebiam esses assessores e articulavam as comunidades para ministrar curso bíblico, cuja formação partia sempre da Bíblia do livro Êxodo. O texto narra a história do Povo de Deus, ou seja, a libertação do povo hebreu da escravidão e da opressão do Faraó no Egito Antigo, liderado por Moisés resultando a travessia pelo Mar Vermelho para a Terra Prometida. Essa referência bíblica era como espelho pertinente da dura realidade do povo e despertava o pensamento reflexivo e crítico para a conscientização política e, compreender a Sagrada Escritura como fonte histórica para celebrar fé e vida. Logo a organização e a articulação das CEBs e os movimentos populares presentes na Diocese de Bonfim, entre eles: o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)⁶, a Comissão Estadual dos Trabalhadores Agricultores da Bahia (CETA)⁷, o Fundo de Pasto⁸ e Sindicatos Rurais, vieram somar a luta contra o latifúndio e o sistema capitalista opressor.

As formações contemplavam desde as crianças com a Catequese Renovada⁹, aos encontros dos grupos jovens, Círculos de Cultura, (alfabetização de Jovens e adultos), pedagogia de Paulo Freire (1921- 1997), e encontros nas comunidades em geral. As discussões eram pertinentes ao momento que impulsionavam uma compreensão maior ao papel do cristão católico, ou não. Ainda nesse período dos anos 1990, a diocese é marcada pelo alto índice de

⁶ MPA é um movimento camponês, de caráter nacional e popular, de massas, autônomo, de luta permanente, cuja base social é organizada em grupos de famílias nas comunidades camponesas. O MPA busca resgatar a identidade e a cultura camponesa, na sua diversidade, e se coloca ao lado de outros movimentos populares do campo e da cidade para a construção de um projeto popular para o Brasil baseado na soberania e pelos valores de uma sociedade justa e fraterna. Faz parte da Via Campesina Brasil e Via Campesina Internacional, da Confederação Latino-americana de Organizações Camponesas (site do MPA).

⁷ O Movimento dos Trabalhadores(as) Assentados(as) e Acampados(as) - CETA, luta pela terra e por uma Reforma Agrária justa, capaz de dar condições de sustentabilidade, comercialização, lazer, formação e emancipação aos trabalhadores e trabalhadoras rurais, tendo como princípios o respeito à democracia, ao meio ambiente e relações equitativas de gênero, raciais e de geração. A caminhada do CETA tem início em 1994. Àquela época, devido ao grande número de conflitos fundiários em nosso estado e em razão das dificuldades encontradas pelos trabalhadores no acesso à terra, foi convocado um Seminário com os trabalhadores rurais de diversas áreas de assentamento e acampamento para discutir sobre a organização destas lutas. Esta foi a semente que, após vários encontros de trabalhadores e mobilizações regionais e estaduais, formou o CETA, que de início tomou a forma de Coordenação Estadual dos Trabalhadores Acampados e Assentados, origem de sua sigla (Blog do CETA Bahia).

⁸ As populações tradicionais Fundo e Fecho de Pasto – FFP, no Brasil, são encontradas no Brasil em estados dos Biomas Cerrado e Caatinga, vivendo, há mais de 200 anos, de um modo de vida típico de amplas regiões do semiárido nordestino brasileiro e do clima tropical de savana que se caracteriza sobretudo pelos criatórios animais de áreas de uso comum (os gerais). De organização recente como movimento social, no estado da Bahia possui um coletivo de representantes de comunidades de diferentes regiões de organização histórica. As comunidades de fundo e fecho de pasto mergulham suas origens, como afirmam e indicam vários pesquisadores, nos povos indígenas, nas populações negras que fugiam dos latifúndios escravocratas e ainda nos brancos europeus pobres, sobretudo dos conhecidos vaqueiros (Alvori Santos e Carlos Porto-Gonçalves, 2018).

⁹ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em sua 21ª Assembleia Geral, aprovou o documento Catequese Renovada: orientações e conteúdo (CR), dia 15 de abril de 1983. É o documento mais importante para a Igreja do Brasil em termos de catequese, até a publicação do novo *Diretório Nacional de Catequese (DNC)* (site da CNBB).

conflitos agrários, êxodo rural, mártires das lutas, assim como as resistências do povo sofrido. A saída dos sertanejos para o sudeste principalmente São Paulo, era alarmante. Situação difícil e cheia de desafios. A igreja de Pindobaçu buscava recursos por meio de projetos das congregações como de São Francisco Salesiano e Sagrado Coração de Maria. No âmbito da diocese, entidades estrangeiras (Alemanha), de ajuda humanitária a igreja católica na América Latina (Adveniat e Miserior), financiavam as atividades formativas realizadas pelas pastorais sociais.

O estudo da nossa História partia da perspectiva das lutas populares, dos Povos Originários, Zumbi, Dandara, Antônio Conselheiro, e mártires como Margarida Alves, Chico Mendes. Isso vai dando forma e identidade a diocese e suas pastorais.

Comissão Pastoral da Terra (CPT): A missão.

A CPT, Pastoral da Terra nasce no Brasil em 1975 a partir do encontro da CNBB, realizado em Goiânia (GO):

(...) Foi fundada em plena ditadura militar, como resposta à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, sobretudo na Amazônia, explorados em seu trabalho, submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam (Publicado: 05 fevereiro 2010)

Nesse período da repressão, a CNBB ajudou a Pastoral da Terra desenvolver seu trabalho, que ao longo das décadas seguintes ganhou destaque pela defesa dos trabalhadores e conquista da terra. Durante oito anos fui agente da pastoral CPT na diocese de Bonfim. Foi muito importante para mim, proporcionou mais formação junto aos movimentos da luta pela terra.

Na Diocese de Bonfim a Pastoral da Terra, foi fundada em 1979, com apoio do bispo, Dom Jairo que iniciou uma demanda de atividades, entre as quais a realização da romaria, ou Missão da Terra. A CPT se envolveu diretamente com as diversas lutas e manifestações em favor da Reforma Agrária. Em cada região do Brasil, o trabalho adquiriu uma tonalidade diferente de acordo com os desafios que a realidade apresentava. Realidade essa que resultava num alto índice de assassinatos aos trabalhadores e trabalhadoras do campo, em todo o país. A falta de vontade do Estado em garantir das políticas públicas investimento nos projetos sociais que permitisse a convivência com o semiárido era mais um fator que forçava muitas famílias, ou jovens ao êxodo rural.

Como forma de luta e resistência a CPT, em articulação com toda a Diocese realiza até hoje, a Missão da Terra como ato político/religioso e momento para denunciar a violência no campo seguida muitas vezes com assassinatos, a impunidade, as injustiças e a exploração desenfreada da natureza. Em 1994, os dados da CPT – Nacional, revelam que foram quarenta e sete trabalhadores/sem-terra assassinados em todo o Brasil e na Bahia foram assassinados dois trabalhadores (Caderno de Conflitos, 1994, p. 47-48).

Tem toda uma dinâmica de articulação e logística antes da missão como a formação realizando encontros nas paróquias, seminários e assembleias diocesanas para a Missão da Terra com subsídios diversos: cartilha, cartazes, folders, faixas e outros para discussão e compreensão do sentido da Romaria. Sempre a partir do tema escolhido em assembleia. Em 1994 o tema foi: Não Tenho Água, Não Tenho Chão. Por Acaso Sou Cidadão?

A Missão da Terra, é um grande evento organizado pela Diocese de Bonfim, onde reúne multidão que chega a ultrapassar em algumas missões mais de cinco mil pessoas. É espaço que faz o povo reunir para denunciar, celebrar, expressar sua espiritualidade, sua mística, sua arte e cultura como sentimos nas estrofes cantadas pelos romeiros, autoria de Tião e Bié:

(...) Romaria da Terra, faz o povo reunir numa luta sem guerra, nós lutaremos por ti. (Refrão)
Amigo trabalhador veja nossa situação, nós queremos trabalhar e não temos condição. E a terra que era nossa, hoje é tudo do patrão. Desemprego na cidade virou uma maldição, precisamos resistir, e nós vamos conseguir, pôr a terra em nossas mãos (Blog meu velho chico, 2010).

A romaria sempre acontece onde há um marco, às vezes por conflito, às vezes pela conquista da terra e, tem sentido místico, envolve o mistério, o sagrado e o oculto em busca por algo além do material. É algo que não se define. Tem sentido simbólico e ecumênico para a Igreja. Mesmo assim a instituição religiosa apresenta controvérsia quando se refere à parte, conservadora. O clero é composto por homens carregados por um conjunto de crenças e comportamentos que afirmam superioridade masculina revestida no moralismo, que por sua vez acaba evidenciando, por parte de alguns, a tentativa pela censura da apresentação do Teatro de Serrolândia, objeto de análise deste trabalho que levou o primeiro lugar no Festival da PJMP em 1994.

A Pastoral da Juventude do Meio Popular: Formação e conscientização

Com o novo jeito de ser Igreja, a Pastoral da Juventude do Meio Popular surge primeiro nos centros urbanos em julho de 1978, no Recife no estado de Pernambuco, onde aconteceu o

1º encontro de Animadores dos Jovens do Meio Popular, com objetivo de proporcionar entrosamento visando aprofundamento de pontos comuns que pudessem ajudar na caminhada apontando para a criação de um movimento que articulasse a unidade aos grupos de jovens oprimidos que se encontram nas periferias das grandes cidades.

Mais tarde na Diocese, a PJMP vai ser carro chefe para organizar e articular o primeiro festival a princípio somente com música e poesia (1992). Os festivais eram realizados de dois em dois anos e anunciava as Romarias da Terra. Eram abertos a toda juventude, independente de crença religiosa. Para a realização do festival em 1994, os jovens que participavam da pastoral traziam consigo a formação e a vivência com o novo jeito de ser Igreja. Pois havia um objetivo e propósito maior, com a juventude tanto das periferias nas grandes cidades, quanto a juventude do campo. A conscientização se torna cada vez mais coletiva, solidária no vigor dos jovens para mostrar resistência firme na luta e assim se libertar do sistema opressor, por meio do compromisso com a causa para a transformação e a própria emancipação do jovem em sua história e lugar.

No ano de 1994, a PJMP em assembleia nacional discutiu o objetivo da pastoral, e assim ficou: “Vivenciar e testemunhar a proposta do Reino de Deus estando presente na vida, na luta e nos sonhos dos jovens empobrecidos, visando evangelizar, numa prática libertadora, contribuindo para a formação das pessoas e a transformação da sociedade.” Nesse contexto, conforme as Diretrizes da CNBB (1991-1994), uma atenção especial deve ser dada aos jovens, levando em consideração sua situação social e religiosa. No entanto, os jovens seriam um grande desafio para o futuro, pois não seriam apenas destinatários da evangelização, mas derivam dela tornar-se sujeitos ativos, protagonistas e comprometidos com a espiritualidade e a renovação social. Logo uma das ações era, que a atuação da pastoral pudesse proporcionar oportunidades de conscientização aos grupos de jovens dispostos a um empenho coletivo para a transformação da sociedade associado a fé e vida. Por outro lado, este tipo de ação exigia formação e busca de novas metodologias pedagógicas para desenvolver o trabalho com a juventude.

Esse engajamento da pastoral, por meio de fé e vida e da Teologia da Libertação, acolhe a juventude respeitando a diversidade (étnico/racial, gênero, cultural, religiosa), e movia os jovens a participar da PJMP e dos festivais. Esses festivais tornavam-se espaços de lazer, de gritar e de expressar o conhecimento e a conscientização, recorrendo metodologicamente e pedagogicamente por meio da arte do teatro, da música e da poesia. O clamor da juventude que também queria escola, comida, trabalho, diversão, viajar e namorar. E de onde vem esses jovens? Vem dos quatro cantos da Diocese, ou seja, dos vinte e cinco municípios que compõe

a Diocese de Bonfim (Andorinha, Antônio Gonçalves, Caém, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Cansanção, Capim Grosso, Filadélfia, Itiúba, Jacobina, Jaguarari, Mirangaba, Monte Santo, Nordestina, Ourolândia, Pindobaçu, Ponto Novo, Queimadas, Quixabeira, Saúde, São José do Jacuípe, Senhor do Bonfim, Serrolândia, Umburanas e Várzea Nova).

Havia uma movimentação muito grande para a coordenação diocesana da PJMP articular e organizar o festival realizado a cada dois anos. Lembro que durante o ano a pastoral da juventude realizava encontros formativos locais, nas comunidades e nas paróquias, já na diocese as atividades de formação eram realizadas e acolhidas no Centro Diocesano de Bonfim, os seminários tinham duração de três dias, sempre nos fins de semana.

Ao longo dos anos foram discutidos vários temas de estudo como a História da Sociedade, História da Igreja. Análise de conjuntura política e econômica, Gênero e Sexualidade, Psicologia, Teologia, Espiritualidade e Mística. Era realizada também uma assembleia geral e avaliativa com encaminhamentos e agenda das atividades para o ano seguinte. Toda essa gama de estudos com leitura de mundo e olhar crítico sobre a realidade, os jovens encontravam na Igreja e não na escola. Isso gerava um choque entre a formação que a pastoral da juventude proporcionava com a formação do universo escolar. Houve jovens perseguidos e até expulsos de colégio público em Pindobaçu por se posicionar com senso crítico e discordar de certos conteúdos principalmente na área de história, sociologia, ou pelo simples fato de fazer parte das atividades, ou do grupo jovem da igreja católica. Inclusive o grupo jovem de Serrolândia vai fazer isso, se posicionar até diante da Diocese.

Teatro de Serrolândia: Tome Fome Morre o Homem!

Cala Boca Já Morreu, quem manda na minha boca sou eu! É um dito popular do universo infantil. Essa expressão vai inspirar o grupo de jovens de Serrolândia passando a se chamar, o grupo de teatro Cala Boca Já Morreu, que por sua vez fazia parte da PJMP. Ao concorrer e ocupar o primeiro lugar com o espetáculo, Tome fome, morre homem, no Festival organizado pela PJ. Esse, foi realizado quinze dias antes em Capim Grosso-Bahia onde seria sediada a Missão da Terra, do ano de 1994. Logo fazia parte da premiação a reapresentação da peça na Romaria no momento cultural para a multidão. O ato de peregrinação dava início às 8h com acolhida, concentração dos romeiros e se estendia até as 17h. Já o grupo de teatro que ficou no primeiro lugar do festival se apresentava conforme a programação, no momento cultural a partir das 14h, na carroceria de um caminhão que servia de palco na praça, logo depois o encerramento

com a missa e benção aos romeiros que seguiam de retorno em caravanas para suas cidades, pois se encerrava a Missão da Terra com o pôr do sol assumindo o apagar das luzes.

O grupo de Serrolândia era composto por 15 jovens, coordenado pelas três irmãs: Vânia Nara Pereira Vasconcelos¹⁰, Claudia Pereira Vasconcelos¹¹, Tânia Mara Pereira Vasconcelos¹², mais outra integrante, Zilma Andrade. Quem escrevia era Tânia, ela fazia o roteiro teatral, estava no lugar de dramaturga, embora na época elas não utilizassem esses termos técnicos. O importante os grupos que concorriam aos festivais tinham que eram os principais elementos para realizar os teatros como os atores e atrizes, o texto, o espaço cênico e a presença do público que interage. Tanto o grupo de Serrolândia quanto o que eu participava em Pindobaçu e os demais na diocese, eram desprovidos de recursos financeiros, tudo era no improvisado, cada um se ajudava da forma que podia com o figurino, maquiagem, cenário, som, iluminação. Essa última era dispensável, pois as apresentações teatrais se davam durante o dia a céu aberto tanto no festival quanto na Missão, às vezes acontecia um festival ou outro em ambiente fechado (clube, salão de festa, escola), sem estrutura de um prédio teatral.

Tânia e o grupo não se atentaram a guardar o texto dramaturgicamente desse espetáculo que acabou se perdendo assim como os registros fotográficos da cena da Mulher Terra. O que tenho são depoimentos gravados em entrevistas realizadas com Tânia Vasconcelos e Cláudia Vasconcelos:

Eu não lembro muito não. Eu me lembro que... eu acho que começava com a entrada da Mulher Terra. Tinha o texto escrito por mim e falava: “Sou Terra Mãe, forte, bela, exótica!” Alguma coisa assim. Falava também das coisas que ela sofria da destruição ambiental. Não lembro muito dos detalhes. Não tenho certeza se a Mulher Terra entrava primeiro, mas acho que a primeira cena era a entrada do funeral de um trabalhador e o grupo entrando com um caixão de verdade. A gente queria sempre uma coisa impactante. Começava com uma música, funeral de um lavrador. Outro momento entrava a Mulher Terra, que era Cláudia vestida de terra. É o que eu lembro. A gente discutia sobre a Terra

¹⁰ Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia (1995), mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia (2006) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2014), com período sanduíche na Universitat Rovira i Virgili (Espanha). Atualmente é professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia, na graduação em História. Desenvolve pesquisas nos seguintes temas: relações de gênero, biografia, memória, mulheres e sexualidade. (site pphhis uneb).

¹¹ Doutora em Estudos de Cultura pela Universidade de Lisboa (em regime de co-tutela com a UFBA) com pesquisa no campo da música e brasilidades (2022), mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2007), especialista em Arte e Educação na PUC de Minas Gerais (2006), licenciada em História na Universidade do Estado da Bahia - UNEB (1997). Autora do livro SER-TÃO Baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana, EDUFBA, 2011. Atualmente é Professora Assistente da UNEB - Campus IV (Colegiado de História).

¹² Historiadora feminista, doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com período sanduíche na Universitat Rovira i Virgili (Espanha), Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e Licenciada em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus V, atuando nas áreas de Europa Moderna e Estudos de gênero. (site pphhis uneb).

Mãe, a disputa territorial e um lavrador que tinha sido assassinado por conta da luta. Infelizmente a gente perdeu o texto (Tânia Vasconcelos, 2025).

De fato, também recorro dessa primeira cena que era marcada pela entrada de personagens agricultores e agricultoras com uma mão levando o chapéu de palha ao peito e a outra segurando a alça levando o caixão como forma de dor e denúncia a violência com mortes por conflitos de terra na região. Em seguida entrava a Mulher Terra trazendo uma mensagem de esperança, depois um grupo vestido de preto e cara pintada de branco e preto. Surge outro grupo em cena que desempenhava uma poética em coro numa espécie de mantra repetidamente: Tome fome morre o homem! Conforme as vozes ecoavam de forma orquestrada iam elevando o tom gradualmente e, com pausa repentina um outro personagem recitava a poesia O Bicho, de Manuel Bandeira (1886-1968), um dos maiores poetas brasileiros e historiador literário na época do modernismo. Por fim a cena da Mulher Terra. A entrevistada Cláudia Vasconcelos tenta lembrar da sua fala enquanto personagem, Mulher Terra, coberta por barro a recitar:

Sou Terra, mulher, firme, forte, bela e exótica. Tenho nas veias... Ia fazendo metáforas dos rios, das montanhas, das serras... da mulher terra, a mãe terra de todos e o quanto estava sofrendo com todo esse processo de degradação, de contaminação da Terra. Outra cena marcante começava com outra música de Chico Buarque, Morte Vida Severina¹³: “Esta cova em que estás, com palmas medida É a conta menor que tiraste em vida” (Cláudia Vasconcelos, 2025).

O objetivo do teatro era apresentar a realidade denunciando a violência aos trabalhadores do campo, anunciando a participação na luta pela terra e conscientização aos romeiros, ao mesmo tempo chamar a atenção do poder judiciário, e a sociedade em geral sobre os assassinatos impunes de agricultores mediante a concentração de terras na região da diocese e ao mesmo tempo chamar a atenção sobre a degradação ao meio ambiente.

O que não se esperava, era o impacto da personagem Mulher Terra que gerou polêmica entre o clero e entre agentes pastorais, por conta do corpo expressivo vestido somente pelo o barro. Era esse o motivo que levou a comissão organizadora da Missão da Terra, telefonar para a residência das três irmãs, conta Cláudia Vasconcelos:

A comissão liga lá pra casa e pede para falar comigo. Pede por favor se não é possível a gente usar um top, ou sutiã para ficar menos impactante para o

¹³ Morte e Vida Severina é um livro do escritor brasileiro João Cabral de Mello Neto, publicado em 1966. Em 1965, a pedido do escritor Roberto Freire, diretor do Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (TUCA), o músico Chico Buarque musicou o poema para a montagem da peça. Desde então sua presença no teatro brasileiro tem sido constante (canal youtube.com).

bispo. É bom lembrar que o nosso bispo Dom Jairo, ele é bastante conservador e iria pirar se visse a gente botando na Missão da Terra uma mulher vestida de terra (Cláudia Vasconcelos, 2025).

Essa era a grande preocupação, era o burburinho nos bastidores da Missão da Terra. Dom Jairo não tinha nem conhecimento ainda. Embora a Igreja estivesse num momento revolucionário da Teologia da Libertação, o moralismo estava distante de ser livre dos padrões da sociedade conservadora. Por outro lado, Cláudia com seus dezoito anos se posicionou de uma forma decidida sobre o que estava fazendo com conscientização:

E aí eu falei. A gente aprendeu todo um processo democrático de escuta. Era um princípio que a gente não abria mão, fosse no partido, no sindicato, no teatro e em todos os lugares que a gente estava. Eu respondi assim, olha eu não vou decidir sozinha. Eu vou levar essa questão para o grupo e o grupo vai decidir (Cláudia Vasconcelos).

Os jovens que passavam pelas formações na pastoral, sabiam o que estava fazendo, pois a gente se sentia a vanguarda, os revolucionários nas questões sociais, políticas e de gênero. E como era de se esperar, o Cala Boca Já Morreu, manteve firme na decisão coletiva, e apresentou da mesma forma que no festival. Contudo os coordenadores do evento driblaram o bispo e parte do clero. Faltava uns dez minutos quando um dos coordenadores anunciou ao microfone a convocação dos padres para uma reunião extraordinária com o bispo na casa paroquial de Capim Grosso. Nesse meio tempo o espetáculo foi apresentado com a personagem Mulher Terra obedecendo o figurino original, o barro. Naquele momento a preocupação era evitar que chegasse ao conhecimento do bispo, retirasse o clero da praça e mesmo assim alguns padres permaneceram no local para assistir à apresentação exatamente do lugar de onde se vê a cena considerada imprópria para o evento.

Entendo o teatro e a teatralidade como uma manifestação artística e um fenômeno religioso e cultural de vários povos que remonta às sociedades da antiguidade e a nossa ancestralidade (África), porém o termo teatro vem do grego *theatron*, que significa lugar onde se vê, aqui acrescento não só o lugar, mas quem vê, e o que vê? Até porque o conceito de teatro é uma variável em constante construção. Nota-se que o teatro de Serrolândia fez essa provocação, além do lugar de onde se vê causando repercussão.

Parte dos cristãos entram em contradição sobre o novo jeito de ser Igreja dividindo opiniões do clero e agentes. Ora, o teatro com características do oprimido era então para provocar esse lugar de onde se vê a arte do teatro como ato político e não como o lugar do

moralismo dogmático da Igreja e da sociedade conservadora com relação ao impacto do corpo da mulher que entra em cena. Por séculos a Igreja tratou o corpo como morada do pecado e deve ser coberto para evitar o pecado carnal, original praticado por Adão e Eva ao perceber seus corpos, logo penalizados por Deus.

Uma das características do Cala Boca Já Morreu como da juventude no geral, é se jogar no sentido de experimentar mudanças e acatar o novo sem medo de ser feliz. Contestar paradigmas conservadores ao que estabelece a sociedade sobre questões e padrões moralistas autoritários quando se tem a compreensão e a conscientização do que foi nossa história, lutar por um mundo melhor, estar comprometido coletivamente com a causa social. Embora naquela época os grupos jovens que concorriam ao festival fossem desprovidos do conhecimento mais elaborado sobre teatro, digo no sentido de estudo acadêmico sobre artes cênicas. Mas tínhamos um potencial que era aprendido por meio das formações realizadas pela Igreja. Isso levava a construir um teatro do nosso jeito, com nossa característica sertaneja, do jeito que sabíamos fazer.

O teatro e os festivais possibilitavam na gente o sentimento de pertença e autonomia, essa disposição de fazer teatros impactantes com roteiro dramático a altura do tema sugerido evidenciando e ouvindo os clamores do povo sofrido. O compromisso pastoral e social dos jovens era revelado de forma tão destemida, que posso dizer que a entrega se dava de corpo e alma a causa por um mundo melhor onde as pessoas pudessem viver com dignidade respeitando a diversidade.

Já as formações que a Igreja realizava para a juventude correspondiam a organização de uma estrutura nacional da PJMP, que por sua vez, tinha referência nas Diretrizes da CNBB, respeitando as realidades entre campo e cidade. Para isso realizava atividades formativas como encontros de jovens, oficinas, seminários, para estudar, discutir e aprender sobre a nossa história a partir das lutas populares, com análise de conjuntura política e econômica. Essas formações duravam três dias com momentos de espiritualidade e mística geralmente pelas manhãs celebrando fé e vida compartilhando símbolos como mandacaru, sementes, terra, cruzeiros do dia a dia (fome, injustiça, pobreza, ganância, latifúndio), frutos produzidos pela terra, o pão, as vestimentas dos trabalhadores, assim como instrumentos, enxada, foice, peneira, cantos, leitura bíblica. E um poema bastante declamado era Deus Negro, de Neimar de Barros (1943-2012). Uma noite era reservada para momento cultural com música, cantorias, cordel, teatro, forró. Esse universo proporcionava o desenvolvimento místico com o sagrado e a Mãe Terra.

Ainda nos anos 1990 com a chegada da Universidade do Estado da Bahia em Senhor do Bonfim (Campus VII), e Jacobina (Campus IV), e como resultado formativo era expressivo o número de jovens aprovados nos vestibulares e, Serrolândia liderava no Campus IV a ponto de chamar atenção. Isso era resultado também das formações do trabalho pastoral. No caso de Tânia, Vânia, Cláudia elas vão cursar Licenciatura em História e seguem carreira acadêmica, hoje são professoras com doutorado e Cláudia continua no mundo das artes, faz parte do grupo musical, Vone Ferreira e Cocobando¹⁴. Também cursei licenciatura em História no Campus de Jacobina. Em 2004 passo a residir em Senhor do Bonfim, pois ingresso na equipe da CPT enquanto agente pastoral e permaneço até 2010, saio e vou exercer o magistério nos municípios de Senhor do Bonfim e Pindobaçu.

Aos 47 anos de idade (2018), tenho a honra de compor o corpo discente do Curso de Teatro na UNEB, Campus VII. Tamanha foi minha felicidade! Algo que em tempos da juventude era algo longínquo, quase impossível. Fazer faculdade de teatro, ou artes cênicas era para poucos. Não havia as oportunidades de hoje. Por conta disso, em parte, fiquei para trás. Não segui carreira na arte do teatro como desejava. Adoro o palco, sonhava ser atriz e atuar até em novelas. Aqui estou a cursar teatro no Campus VII por conta da realização de algo que tinha ficado para trás. O Curso me proporcionou oportunidade para autorrealização e um conhecimento mais aprofundado numa dimensão imensurável com a prática do teatro que já fazia.

Outros jovens que passaram por esse trabalho pastoral de Igreja, seguiram suas vidas com autoafirmação de cidadãos e cidadãs na perspectiva de um mundo melhor. No campo da música lembro de Geraldo Macedo, Gabriel Barros, Manoel Dias, Zelito Miranda. Professores na UNEB, Benedito Oliveira, Pedro Paulo Rios. Paulo Soares, ornamentação de eventos. Nelmaci Soares, confeitadeira. Marisa Barbosa, professora de geografia. Juju Mangabeira, radialista. Alcione Soares, advogada. Maria Aparecida de Jesus mora na Espanha.

Considerações:

O teatro do grupo Cala a Boca Já Morreu, assim como os outros teatros apresentados nos festivais da PJMP e na Missão da Terra não só interpretava a realidade como provocava

¹⁴ O grupo musical Vone Ferreira e CocoBando é um coletivo brasileiro da Bahia, especificamente da região de Jacobina e Senhor do Bonfim, que se dedica a dar visibilidade ao **samba de coco**, um "brinquedo" (manifestação cultural) tipicamente nordestino de origem afro-indígena (Google).

por meio do tema sugerido: Não Tenho Água, Não Tenho Chão. Por Acaso Sou Cidadão, um roteiro de denúncia a violência contra trabalhadores rurais, e a forma como o sistema capitalista trata o Planeta Terra. A estética era própria daquele teatro, mas ia além, no sentido de fazer o público refletir sobre o que se estar encenando, ou participando. Ou seja, deve ter presente o principal objetivo: transformar o povo, dentro da perspectiva e contexto que os cerca motivados pela Teologia da Libertação, pelas Diretrizes Gerais da CNBB, logo a mística da fé e vida. Isso nos remete a refletir sobre o teatro do povo oprimido que se liberta rompendo muros e reassume a função protagonista do processo de emancipação social. É a Mãe Terra que se torna unidade personificada no corpo da mulher revestida somente de barro, que por sua vez causou curiosidade e repercussão no meio da Igreja. O espetáculo não foi vetado devido a formação e o nível de conscientização dos jovens adquirida pela própria ação da pastoral.

Vivenciei esse período de Igreja, aprendi muito! Quero evidenciar a minha influência com essa forma de teatro que a juventude realizava e o contato com o Teatro do Oprimido (TO), de Augusto Boal (1931 – 2009), me foi apresentado pela Ir. Fernanda¹⁵, que sempre acompanhava os jovens. Inclusive utilizava jogos de Boal para dinâmicas em grupo. Naquela época os jovens já faziam teatro com a poética dos oprimidos, até porque: “O Teatro do Oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é preparação para ações futuras. ‘Não basta interpretar a realidade: é necessário Transformá-la!’ __ disse Marx, com admirável simplicidade.” (Boal, 2019, p.16).

Vejo que o teatro não é palco exclusivo da fé religiosa de uma igreja. É a dimensão simbólica da real ação dos agentes históricos e da nossa ancestralidade que se compromete coletivamente nas causas sociais e, acima de tudo com a formação humana, nesse sentido o teatro é um grande aliado. Registrar essa história do teatro no semiárido, é ter que compartilhar o conhecimento sobre o que nos liberta das mazelas construídas socialmente. É ajudar a enriquecer a causa coletiva, as formações, seja nas igrejas, nos espaços alternativos, acadêmico, através do Curso de Licenciatura em Teatro, no Centro de Artes Professor Marcos Fábio, pela

¹⁵ Antonietta Fardin, nascida em Rio Bananal do Espírito Santo, em 09 de abril de 1943. Se tornou freira da Congregação Sagrado Coração de Maria. Morou em Vitória, Espírito Santo e Belo Horizonte, Minas Gerais. Estudou Gestão Financeira e Fiscal e História na Universidade Federal do Espírito Santo, pós graduada em Gestão Escolar e Planejamento Educacional, falava fluentemente o idioma francês. Ainda freira no contexto da Ditadura no Brasil foi acolhida pelo bispo Dom Jairo na diocese de Bonfim, Bahia no fim da década de 1970, quando foi perseguida pelos militares e executaram outra freira por engano. Para sua segurança foi necessário mudar sua identidade de Antonietta para Fernanda. Instalada na paróquia de Pindobaçu-BA, conhece o padre Antônio Tamarrí (Tonino), da Itália. Entre 1993-94 eles deixam a Igreja enquanto instituição e se casam, passando morar em Porto Seguro, Bahia.

UNEB, nas escolas, principalmente as de tempo integral, que tem como uma das atividades artísticas o teatro. Sentimento de gratidão ao registrar e compartilhar esse período da nossa história local. Amém, *Axé, Awerê, Aleluia, Ilê Aiyê, Oxente!*

Referências

- AFONSO, José; CANUTO, Antônio; SILVA, Regina; (coord.). **Conflitos no Campo Brasil 2004**. Goiânia: CPT Nacional - Brasil, Editora América LTDA. 2004. 228 páginas.
- BALANCIN, Euclides Martins. *História do Povo de Deus*. 2ª edição. São Paulo: Editora: Paulinas. 1989.
- BANDEIRA, Manuel. **Meus Poemas Preferidos**. Rio de Janeiro: Editora: Ediouro. Coleção Prestígio. p 90. s.d.
- BARROS, Neimar de. **Deus Negro: poesias e pensamentos**. São Paulo: Livraria Martine, 1973.
- BETTO, Frei. **Desafios da Educação Popular: As Esferas Sociais e os Novos Paradigmas da Educação Popular**. São Paulo, Cepis, 2000.
- BÍBLIA. **Nova Bíblia Pastoral: Êxodo Capítulo 2**. São Paulo: Editora Paulus, 2014.
- BISPOS ANTERIORES. Disponível em: <https://diocesedebonfim.org/bispos-antiores>. Acesso em: 07 fev. 2025.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido: e outras poéticas políticas**. Posfácio de Julián Boal. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador: Ensaio de Cristologia Crítica para o Nosso Tempo**. 11ª Edição. Petrópolis-Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.
- BOFF, L.; BOFF, C. **Como fazer Teologia da Libertação**. Edição 8ª. Petrópolis-Rio de Janeiro: Editora: Vozes, 2001.
- BOFF, Leonardo. **50 Anos da Teologia da Libertação**. <https://cebi.org.br/artigos-e-reflexoes/gustavo-gutierrez-e-leonardo-boff-50-anos-da-teologia-da-libertacao/>
- CATEQUESE RENOVADA. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br>.
- CEBs DO BRASIL. Disponível em: <https://cebsdobrasil.com.br/ampliada-nacional>. Acesso em: 05 nov. 2025.
- CÍRCULO DE CULTURA. Disponível em: <https://www.google.com/circulo+de+cultura+paulo+freire>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- CISNE, Mirla. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social**. São Paulo. Editora: Outras Expressões, 2012. 144 páginas.
- CLÁUDA PEREIRA VASCONCELOS. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0003-3017-5269>. Acesso em 09 jan. 2026.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA: CPT BAHIA. Disponível em: <https://cptba.org.br>. Acesso em 08 de fev 2025.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Material de apoio**. Paulo Afonso-Bahia: Editora: Fonte Vida, 1994.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA: CPT NACIONAL. Disponível em: <https://cptnacional.org.br>. Acesso em 07 de fev 2025.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 1995 - 1998** (CNBB). 3ª Edição. São Paulo: Paulinas, 1995.

CONGRESSOS NACIONAIS DA PJMP. Disponível em: <https://pjmp.org>. Acesso em: 07 fev. 2025.

ESTUDOS CATÓLICOS. 2024. Disponível em: <https://estudoscatolicos.com.br/o-concilio-vaticano-ii-impacto-e-mudancas-na-igreja-catolica>. Acesso em: 05 nov. 2025.

FONTES, Oleone Coelho. **No Rastro das Alpercatas do Conselheiro. (Coletânea de textos conselheiristas e euclidianos)**. Salvador-Bahia: Editora: Ponto & Vírgula, 2011, 396 páginas.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Editora: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33ª Edição. São Paulo: Editora: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GEBARA, Ivone. **Cultura e Relações de Gênero**. São Paulo: Cepis, 2001.

GRUPO MUSICAL COCOBANDO. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=grupo+musical+cocobando>. Acesso em: 20 nov. 2025.

HIME, Noemia. **Chico Buarque “Morte e Vida Severina”**. 2010. 2min33s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uL9cDmQxMwo&list=RDuL9cDmQxMwo&start_radio=1. Acesso em: 15 nov. 2025.

Introdução ao Pensamento Marxista: (guia de estudos). São Paulo: Cepis, 2004.

LEÃO, Raimundo Matos de. **História do Teatro: oito aulas da Antiguidade ao Romantismo**. Salvador: Edufba, 2014.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução?** Tradução: Lívio Xavier. São Paulo: Editora: Expressão Popular, 1999.

MOTA, Márcia; ZARTH, Paulo (Orgs.). **Formas de Resistência Camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história**. Vol. 1. São Paulo: Editora: Unesp; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2008.

MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES: QUEM SOMOS? Disponível em: <https://mpabrasil.org.br/quem-somos>. PASCOM BRASIL. Disponível em: <https://pascombrasil.org.br/cnbb-ha-69-anos-a-servico-da-comunhao-da-igrejanobrasil/>

PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR (PJMP). Disponível em: <https://pjmp.org>identidade>.

QUARENTA ANOS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ROMARIA DA TERRA CÂNTICOS RELIGIOSOS. Disponível em: <https://meuvelhochico.blogspot.com/2010/06/romaria-da-terra-canticos-religiosos-do.html>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SANTOS, Alвори Cristo dos; PORTO-GONÇALVES, Carlos Wálter. **Estudo sobre a aplicação do conceito de fundo e fecho de pasto: e das estratégias econômico-produtivas**

acompanhantes. MISEREOR, 2258-Z1040-1243. Bahia–Brasil. Disponível em: <https://www.misereor.org>.

SILVA, Matos da. **Pão Partilhado**. [S.l.], {s.d.}. Editora Fonte Viva.

TÂNIA MARA PEREIRA VASCONCELOS. Disponível em: <https://ppghis.uneb.br/corpo-docente>.

VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS. Disponível em: <https://ppghis.uneb.br/corpo-docente>.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Entrevista concedida a Maria Betânia Borges Bezerra para fins de pesquisa**. Áudio via WhatsApp. Senhor do Bonfim-Bahia, 12 e 20 de fevereiro de 2025.

VASCONCELOS, Tânia Mara Pereira. **Entrevista concedida a Maria Betânia Borges Bezerra para fins de pesquisa**. Áudio via messenger. Senhor do Bonfim-Bahia, 1º e 02 de dezembro de 2025.

VINTURINI, Sérgio. **Índios nas Missões: Antes, Durante e Depois dos Jesuítas**. Porto Alegre: Editora: Martins Livreiro, 2009.

